

Trabalho, laço social e sofrimento psíquico

*Work, social link
and psychic suffering*

Paulo Roberto Ceccarelli

Resumo

A psicanálise atribui muita importância ao trabalho do ponto de vista da economia libidinal. Quando livremente escolhido, o trabalho constitui uma fonte de satisfação importante, pois, via sublimação, permite a transformação da energia psíquica em força de trabalho, isto é, coloca essa energia à disposição da civilização, promovendo, assim, a inserção do sujeito no tecido social. Pretende-se, neste texto, refletir sobre as questões ligadas ao sofrimento psíquico advindas da impossibilidade, por razões internas ou externas, da transformação da energia psíquica em fonte de trabalho.

Palavras-chave: Trabalho, Energia psíquica, Sofrimento.

*Nenhuma outra técnica de condução da vida
prende o indivíduo tão firmemente à realidade
quanto a ênfase concedida ao trabalho,
pois este, pelo menos, fornece-lhe um lugar seguro
numa parte da realidade, na comunidade humana.*
FREUD, 1930

Ao longo da obra freudiana encontramos várias expressões nas quais a palavra “trabalho” [*Arbeit*] aparece: trabalho do sonho [*Traumarbeit*], trabalho do luto [*Trauerarbeit*], perlaboração [*Durcharbeit*], e em outros termos traduzidos por elaboração: *Verarbeitung*, *Bearbeitung*, *Ausarbeitung*, *Aufarbeitung* (LAPLANCHE; PONTALIS, 1970). A perlaboração, o “trabalhar através” [*Durcharbeit*], é um momento marcante do processo analítico, quando o sujeito recorda algo, repete-o, na transferência, e o perlabora, ou seja, atravessa algo, labora algo. Com isso, evita-se a descarga de energia via atuação, ou *acting-out* (FREUD, [1916] 1996), que ocorre quando uma experiência liberadora de energia é

repetida pela ação, sem que o sujeito saiba que está repetindo-a, e não pela recordação.

Graças à elaboração psíquica [*Psychische Verarbeitung*], processo que transforma a quantidade física (energia) em qualidade psíquica (representação), as associações ocorrem. “A noção de elaboração forneceria, assim, uma transição entre o registro econômico [energético] e o registro simbólico” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1970, p. 197). Na histeria, a elaboração associativa [*Verarbeitung*] não ocorre, fazendo com que a experiência traumática não se integre às demais representações psíquicas. Tanto na histeria quanto na neurose de angústia, “em vez de uma elaboração psíquica [*psychischen Verar-*

beutung] da excitação, há um desvio dela para o campo somático” (FREUD, [1895] 1969, p. 134). E na base das neuroses, das psicoses e das perversões, encontramos uma elaboração psíquica insuficiente.

A pulsão, pilar da teoria psicanalítica, é concebida como um conceito-fronteiriço entre o psíquico e o somático, “uma medida da exigência de trabalho [*Arbeitsanforderung*] imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal” (FREUD, [1915] 2013, p. 25).

Nosso aparelho psíquico, psicopatológico em sua origem, constitui-se como uma defesa contra o excesso de paixões (FREUD, 1987). Ele surge como uma astúcia evolutiva para a sobrevivência da espécie, a fim de enfrentar o excesso pulsional sem adoecer. Graças a ele, criamos dispositivos para (re)organizar as demandas pulsionais: “o homem se acha aparelhado com as mais variadas disposições pulsionais, cujo curso definitivo é determinado pelas experiências da primeira infância” (FREUD, [1927] 1969, p. 19).

O sofrimento psíquico acontece justamente quando a circulação pulsional se encontra travada por questões internas e/ou externas ao sujeito. Adoecemos quando o trabalho psíquico falha em sua função de lidar com o pulsional, ou quando o *quantum* de energia a elas associado é de tal monta que inviabiliza esse trabalho. É nessa cartografia pulsional que a *psico-pato-logia* ganha toda a sua dimensão: um saber (*logos*), sobre as paixões [*pathos*], que conduzem a alma (*psychê*). Trata-se, pois, de um discurso sobre o sofrimento psíquico, sobre o padecer psíquico. Os caminhos da *psychê*, da constituição do psiquismo, são determinados pelas paixões, ou seja, pelas vicissitudes pulsionais (CECCARELLI, 2011).

Em uma extensa nota de rodapé de *O mal-estar na civilização*, Freud ([1930] 1969, p. 99) fala da importância de amar e trabalhar como fontes de satisfação pulsional. Graças a Eros, realizamos laços sociais que nos ajudam a suportar o desamparo, que traduz a situa-

ção antropológica fundamental do humano que, ao nascer, encontra-se em um estado de total dependência de um outro que lhe forneça ações específicas para garantir a sua sobrevivência. Através da sublimação, “somos capazes de deslocar uma grande quantidade de componentes libidinais, sejam eles narcísicos, agressivos ou mesmo eróticos, para o trabalho profissional” (FREUD, [1930] 1969, p. 99, nota). E mais adiante, Freud faz outras considerações que vão no mesmo sentido: “a vida comunitária dos seres humanos teve, portanto, um fundamento duplo: a compulsão para o trabalho, criada pela necessidade externa, e o poder do amor” (FREUD, [1930] 1969, p. 120). Nesse contexto, o trabalho é atemporal e acultural, por representar uma forma de transformação pulsional que leva a liberação de energia, mantendo o equilíbrio psíquico. Quando associado ao desejo, o trabalho faz parte da sublimação, cuja importância, é evidente no desenvolvimento da civilização (FREUD, [1930] 1996). Além disso, “o homem, em quaisquer que sejam as formas de sociedade, recorrerá ao trabalho, atividade mediadora entre ele e natureza, para suprir sua sobrevivência” (LARA, 2011, p. 80).

Estes dois processos – a criação de laços sociais e a sublimação – só são possíveis graças ao trabalho de cultura [*Kulturarbeit*]. Noção fundamental que atravessa toda a obra freudiana, o trabalho de cultura é um operador central para se compreender tanto a origem do processo civilizatório, quanto as consequências dos descaminhos desse processo. Na *Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica*, encontramos essa noção de modo mais explícito:

Seu propósito [o da psicanálise] é, na verdade, fortalecer o ego, fazê-lo mais independente do superego, ampliar seu campo de percepção e expandir sua organização, de maneira a poder assenhorear-se de novas partes do id. Onde estava o id, ali estará o ego (*Wo es war, soll ich werden*) [Onde era isso, eu apareço]. É

uma obra de cultura (*Kulturarbeit*) – não diferente da drenagem do Zuider Zee (FREUD, [1933] 1996, p. 102).

A comparação feita por Freud entre o propósito da psicanálise e a drenagem do *Zuider Zee* ilustra bem a sublimação. Graças à aquisição de conhecimentos ao longo de anos, graças ao trabalho de cultura, pôde-se transformar parte do mar em terra cultivável: a força transformou-se em criação. Este é o propósito sublimação: criar novos destinos pulsionais que transformem moções pulsionais inutilizáveis em criações culturais.

O trabalho de cultura não foi algo que surgiu de uma hora para outra: ele é o resultado de um trajeto de milhares de anos, que foi sendo criado aos poucos e estabelecido a duras penas a partir da “coerção e da renúncia das pulsões” [*Zwang und Triebverzicht*] (FREUD, [1927] 1996, p. 17). Todo ser humano tem que passar por esse processo, e a grande dificuldade reside no fato de que a criança deverá, em pouco tempo, “assimilar os resultados de uma evolução cultural que se estende por milhares de anos” (FREUD, [1933] 1996, p. 180) para adquirir o controle das pulsões e adaptar-se à cultura: onde era isso, eu apareço.

O trabalho da cultura é o responsável pelo surgimento do que chamamos de civilização ou estado de cultura:¹ uma posição libidinal que inclui, por um lado, o conhecimento e a capacidade que adquirimos para controlar as forças natureza e dela tirar proveito e, por outro lado, a regulamentação das relação entre os homens, sobretudo no que diz respeito às riquezas disponíveis, quanto à satisfação pulsional, e à agressividade (FREUD, [1927] 1996). Isso significa que a constituição do aparelho psíquico –que, conforme vimos, surge para enfrentar o excesso interno e ex-

terno –, é também obra do trabalho de cultura. Quando o trabalho de cultura falha ou não ocorre de modo satisfatório, as pulsões tornam-se inutilizáveis para uso posterior, posto que “grande parte das forças suscetíveis de utilização em atividades culturais [*Kulturarbeit*] são obtidas pela repressão dos componentes perversos da excitação sexual” (FREUD, [1908] 1996, p. 194). E os indivíduos que não atingem esse estágio sofrem “as consequências do seu desvio dos padrões de civilização” (FREUD, [1908] 1996, p. 196).

Nos exemplos citados, aos quais poderíamos acrescentar muitos outros, a utilização da noção de trabalho por Freud é muito próxima daquela da física: a aplicação de uma força que leva a um deslocamento. Para Freud, o trabalho psíquico faz com que a energia sem vinculação, que pode ser descarregada como angústia, se desloque e se vincule à representações de palavras. E a palavra, ou melhor, a linguagem, é capital na situação analítica, local de forte reações emocionais.² Ao falarmos, a energia se desloca (produz trabalho) e dá representação aos afetos. A catarse é uma liberação de energia através da fala, pois no ser humano “a linguagem serve de substituto para a ação; com sua ajuda, um afeto pode ser ‘ab-reagido’ quase com a mesma eficácia [da ação]” (FREUD, [1893] 1996, p. 49). A ab-reação define “um processo de descarga emocional que, liberando o afeto ligado à lembrança de um trauma, anula seus efeitos patogênicos” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 3).

Contudo, se, por um lado, o trabalho “constitui fonte de satisfação especial, se for livremente escolhido”, por outro lado, ele “é pouco apreciado como via para a felicidade pelos seres humanos” (FREUD, [1930] 1969, p. 99, nota). Uma das razões dessa dupla face

1. Para Freud ([1927] 1996, p. 16), a civilização humana representa “tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais [...] e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização”.

2. Não só na análise observamos esta força da linguagem: é comum alguém dizer sentir-se aliviado após ter colocado em palavras (ab-reagido) – para um amigo, um confessor, um terapeuta – emoções que o contrariavam.

do trabalho talvez se deva à possibilidade, ou não, de o trabalho ser um substituto da satisfação pulsional. Sabemos que nas sociedades escravagistas greco-romanas, o trabalho, tido como desonra, era reservado aos escravos. Para os nobres, a verdadeira virtude era o ócio tido como fundamental e necessário para uma vida feliz, para o bem do corpo e a criatividade do espírito.³ Contudo, a “criatividade do espírito” é também, via sublimação, uma forma de trabalho psíquico. Para a classe governante na Grécia antiga, seguida mais tarde pela elite romana que tinha aversão ao trabalho, o trabalho (manual) era indigno, pois impedia os seus cidadãos de dedicarem mais tempo à atividade de governar (CARMO, 2005).

A ideia do trabalho como punição é corroborada quando nos voltamos para a etimologia do termo trabalho (CHAUÍ, 1999). Por exemplo, em algumas passagens da Bíblia, o trabalho aparece com um castigo devido a uma falta cometida, no caso, o pecado. Em *Gênesis* 3, 16-18, lemos que, após a desobediência, Deus retira o ócio de Adão e Eva, e os castiga com o trabalho, que toma a dimensão de dor e sofrimento:

Disse à mulher: Multiplicarei os sofrimentos de teu parto; darás à luz com dores, teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio.

(e ao homem) [...] maldita seja a terra por tua causa. Tirarás dela o teu sustento com trabalhos penosos todos os dias da tua vida. Ela te produzirá espinhos, e abrolhos, e tu comerás

a erva da terra. Comerás o pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra, de que foste tomado.⁴

Não é por acaso que em algumas línguas a relação dor-trabalho está presente no dar à luz: fala-se em trabalho de parto [*travail d'accouchement; trabajo de parto; lavoro di nascita; Arbeit Geburtsort; labor of birth*].

Seguindo os passos de Freud, podemos dizer que os nobres se dedicavam à sublimação das pulsões, o que fazia de seus trabalhos uma atividade extremamente prazerosa, pois resultava do deslocamento e da transformação da energia libidinal que não encontraria outra forma de satisfação devido às limitações impostas pelo trabalho de cultura. Já para os escravos, o trabalho não era natural, ou seja, não constituía fonte de transformação de energia, o que levava ao sofrimento e ao adoecimento. Quando o trabalho é imposto, seja de fora através de um discurso ideológico, seja internamente (superego), ou quando o sujeito não tem recursos psíquicos para transformar parte da energia psíquica em trabalho, ocorre um represamento da pulsão, fazendo com que o psiquismo procure outras vias de descarga que podem se revelar patológicas, como bem o mostram os inúmeros textos sobre a psicopatologia do trabalho. Ou, então, o trabalho aliena o sujeito fazendo com que ele “trabalhe por trabalhar”.

Na contemporaneidade, o trabalho, baseado no discurso capitalista, se presta cada vez menos à satisfação pulsional via sublimação e vem se transformando em um recurso

3. A importância do ócio como fonte de produtividade é o ponto central do conhecido livro de Bertrand Russel (2002) *O elogio ao ócio*, no qual o autor defende a necessidade de se ter um tempo sem trabalho, no sentido de algo imposto. Para Russel, a utilização do tempo livre é fundamental para a ampliação do conhecimento e da capacidade de reflexão. Em termos psicanalíticos o que é discutido por Russel é a questão da transformação de pulsões em trabalho. (Cf. RUSSEL, B. *O elogio do ócio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002).

4. O que está em jogo aqui é o conhecimento, a consciência, o discernimento: “os olhos dos dois se abriram, e perceberam que estavam nus; então juntaram folhas de figueira para cobrir-se” (*Gên.*, 3, 7). A dor do parto, assim como o comer com o suor do rosto não é uma prerrogativa da espécie humana. Outros animais também passam por isso, apenas não o sabem, não têm consciência.

perverso, via sedução, por parte do detentor do capital (LACAN, 1972). O trabalho escravo continua, ainda que de forma sutil e velada, na medida em que o sujeito é incentivado a trabalhar mais para ter acesso (cada vez menos) aos bens de consumo, para “ir mais longe”, para se dar o melhor que a vida pode oferecer-lhe. No mundo moderno, o homem é apenas mais uma engrenagem entres milhares de outras, tal como foi imortalizado no clássico *Tempos modernos*, de Charles Chaplin.

Quando o trabalho deixa de ser fonte de satisfação para se transformar em uma ação repetitiva e frustrante, ele pode produzir sofrimento e adoecimento psíquico, na medida em que calcifica a circulação pulsional, impossibilitando o aperfeiçoamento, logo a transformação (DEJOURS, 1993). A calcificação da circulação pulsional pode ocorrer igualmente em casos de aposentadoria. Passado o primeiro momento de euforia por não ter que trabalhar mais, sobretudo quando o trabalho era regular e constante, é fonte de alegria e relaxamento, pode acontecer que o sujeito não se sinta incluído na sociedade, quando não inútil (BRUNS; ABREU, 1997). Não raro, observa-se estados depressivos e outras soluções, frente ao sentimento de “não ter lugar no mundo”.

O trabalho participa ativamente na construção da subjetividade: ele é parte do sentimento de identidade, assegurando ao sujeito a manutenção do laço social e mantendo o equilíbrio psíquico-corporal do sujeito.

O trabalho é o elemento mediador fundamental, por cujo intermédio, no inserimos no circuito e intercâmbio social, e nos tornamos adultos – de fato e de direito – sócios plenos da sociedade humana (PELEGRINO, 1987, p. 201).

Considerações finais

O sentido que a psicanálise dá ao trabalho [*Arbeit*] é bem diferente de seu uso frequente, geralmente relacionado com a produção

de bens: trata-se, antes, de uma transformação, via trabalho de cultura, de uma parte da energia pulsional inconciliável para a inserção do sujeito no tecido social – moções pulsionais narcísicas, agressivas e eróticas – em “acervo cultural comum de bens materiais e ideais” (FREUD, [1908] 1996, p. 192). O trabalho tem, assim, uma dupla função: do ponto de vista subjetivo permite um escoamento da energia que leva a uma diminuição da tensão psíquica, geradora de angústia. Do ponto de vista social, ocorre uma troca: se, para viver em sociedade, o sujeito deve renunciar à satisfação dos elementos pulsionais incompatíveis com a cultura, ele recebe um nome, uma filiação e uma inserção social. Com isso, a sociedade também ganha ao receber as pulsões sublimadas em forma de força de trabalho, para a construção e a transformação social.

A não ocorrência desses processos – subjetivo e social – pode ser uma das origens das patologias do trabalho. Não raro, por exemplo, observamos estados depressivos em pessoas aposentadas. Uma das razões é a impossibilidade de transformar a repressão pulsional em força de trabalho. Para alguns, não trabalhar é sinônimo de exclusão social.

Em algumas formas de sociopatias, o que se observa é uma ruptura, por vezes definitiva, com a sociedade por aqueles(as) que não têm nenhuma razão para respeitar as imposições do trabalho de cultura, pois a sociedade não os(as) acolhe. Quando isso acontece, o laço social é rompido e as pulsões incompatíveis com o estado de cultura ganham o primeiro plano.

Abstract

Psychoanalysis attaches great importance to work from the point of view of libidinal economy. When freely chosen, work constitutes an important source of satisfaction, because, via sublimation, it allows the transformation of psychic energy into work force, that is, placing this energy at the disposal of civilization, thus promoting the insertion of the subject in the fabric. Social. The aim of this text is to reflect on issues related to psychic suffering arising from the impossibility, for internal or external reasons, of transforming psychic energy into a source of work.

Keywords: Work, Psychic energy, Suffering.

Referências

BRUNS, M.; ABREU, A. O envelhecimento: encantos e desencantos da aposentadoria. *Revista da ABOP*, v. 1, n. 1, p. 5-33, 1997.

CARMO, P. S. *A ideologia do trabalho*. São Paulo: Moderna, 2005.

CECCARELLI, P. R. Contribuições da psicopatologia fundamental para a criminologia. © *Prima Facie*, João Pessoa, 10, n. 18, p. 327-344, 2011. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba.

CHAUÍ, M. Introdução. In: LAFARGUE, P. *O direito à preguiça*. São Paulo: Hucitec; Unesp, 1999.

DEJOURS, C. *Travail: usure mentale. De la psychopathologie à la psychodynamique du travail*, Paris: Bayard, 1993.

FREUD, S. As pulsões e seus destinos (1915). In: _____. *As pulsões e seus destinos*. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 13-69. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 2).

FREUD, S. Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica. In: _____. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)*. Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 63-84. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

FREUD, S. *Estudos sobre a histeria* (Breuer e Freud) (1893-1895). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 2).

FREUD, S. Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna (1908). In: _____. *"Gradiva", de Jensen, e outros trabalhos (1906-1908)*. Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 169-186. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

FREUD, S. *Neuroses de transferência: uma síntese* (manuscrito recém-descoberto). Tradução: Abram Eksterman. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão (1927). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Direção geral da tradução:

Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 15-63. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 73-148. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, S. Por que a guerra? (1933 [1932]) (Einstein e Freud). In: _____. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos* (1932-1936). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 193-208. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II) (1914). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 163-171. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, S. Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia” (1895 [1894]). In: _____. *Primeiras publicações psicanalíticas* (1893-1899). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 93-118. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).

LACAN, J. *Seminário O saber do psicanalista* (1971-1972). Tradução: Ana Izabel Corrêa, Leticia P. Fonsêca e Nanette Zmeryz Frej para uso exclusivo dos participantes do Centro de Estudos Freudianos do Recife.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. Direção: Daniel Lagache. Tradução: Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LARA, R. Saúde do trabalhador: considerações a partir da crítica da economia política. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 78-85, jan.-jun. 2011.

PELLEGRINO, H. Pacto edípico e pacto social. In: PY, L. A. et al. *Grupo sobre grupos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUSSEL, B. *O elogio do ócio* (1932). Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

Recebido em: 12/06/2022

Aprovado em: 28/06/2022

Sobre o autor

Paulo Roberto Ceccarelli

Psicólogo.

Psicanalista.

Doutor em psicopatologia fundamental e psicanálise pela Université Paris 7 - Diderot.

Pós-doutor pela Université Paris 7 - Diderot.

Chercheur associé de l'université Paris 7 - Diderot.

Membro da *Société de Psychanalyse Freudienne* (SPF) - Paris, França.

Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG).

Sócio fundador do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA).

Membro do Corpo Docente do Contemporâneo: Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade - POA, RS.

Professor na pós-graduação em psicanálise do Hospital Santa Catarina, Blumenau (SC).

Pesquisador Associado do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social (LIPIS) da PUC-Rio.

Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.

Professor e orientador de pesquisas na pós-graduação em psicologia na Universidade Federal do Pará (UFPA).

Professor e orientador de pesquisas do mestrado em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência/MP da Faculdade de Medicina da UFMG.

Coordenador e professor da pós-graduação em sexualidade humana da Faculdade Santa Casa, Belo Horizonte (MG).

Membro do Programa Antártico Brasileiro.

Diretor científico da Clínica Ampliada de Saúde Mental (CASM).

Fundador e Coordenador do Instituto Mineiro de Sexualidade (IMSEX).

E-mail: paulorcbh@mac.com

Homepage: www.ceccarelli.psc.br